

POEMAS PARA ILUSTRAR/REGISTAR GRAFICAMENTE

1. **Quadrinhas para uma lagarta**, João Pedro Mésseder
2. **Os Nomes**, Maria Alberta Menéres
3. **Pontinho de Vista**, Pedro Bandeira
4. **A sombra**, Luísa Ducla Soares
5. **A bailarina**, Cecília Meireles
6. **Contas de somar**, João Manuel Ribeiro
7. **A lua foi ao cinema**, Paulo Leminski
8. **A estrela e o papagaio de papel**, Luís Infante
9. **Pia, pia, pia**, Fernando Pessoa
10. **Bichinho de conta**, Sidónio Muralha
11. **A minha bicicleta**, Fernando Miguel Bernardes
12. **Pessoas são diferentes**, Ruth Rocha
13. **Pêssegos, pêras, laranjas**, Eugénio de Andrade
14. **O pinguim**, Vinícius de Moraes
15. **As flores e a cabeça da dona Celestina**, João Paulo Mendes

POEMA 1

Quadrinhas para uma lagarta

A lagarta lagartinha
come, come sem parar,
desce o ramo, sobe o ramo,
que gordinha vai ficar!

Ó lagarta lagartinha,
não paras para descansar?
Deixa ao menos uma folha
para eu comer ao jantar.

Agora que já comeu
todas as folhas que havia,
está gorda e cheia de sono.
Vai dormir... E por magia

na manhã de azul e sol
a lagarta verde e preta
quando desperta dá conta
que é uma linda borboleta.

João Pedro Mésseder

POEMA 2

Os Nomes

Porque é que me chamo coelho

E não me chamo melão?

Porque é que me chamo lagartixa

E não me chamo cão?

Porque é que me chamo uva

E não me chamo chuva?

Porque é que me chamo Maria do Céu

E não me chamo chapéu?

Porque é que me chamo pedra

E não me chamo perna?

Porque é que me chamo cebola

E não me chamo papoila?

Porque é que me chamo casa

E não me chamo asa?

Porque é que me chamo Sol

E não me chamo Lua?

Porque é que me chamo Lua

E não me chamo caracol?

Cada coisa tem o seu nome

Para assim ser conhecida.

Maria Alberta Menéres

POEMA 3

Pontinho de Vista

Eu sou pequeno, me dizem,
e eu fico muito zangado.
Tenho de olhar todo mundo
com o queixo levantado.
Mas, se formiga falasse
e me visse lá do chão,
ia dizer, com certeza:
— Minha nossa, que grandão!

Pedro Bandeira

POEMA 4

A sombra

Eu tenho uma amiga, a sombra,
que anda comigo e não fala.
Por mais que eu puxe conversa,
sempre a marota se cala.
Logo que corro para o sol,
estende-se a sombra no chão.
Pisam-na todos os pés
e senta-se nela o cão.
Salta para trás e para a frente,
pula para cima, para o lado,
mas parece que está presa
à sola do meu calçado.
Faz tudo aquilo que eu faço:
macaca de imitação!

Até se lhe dou um estalo
me quer dar um safanão
Eu sou branco, ela é preta,
ando em pé, ela deitada.
Mas nunca nos separamos
até ser noite fechada.

Luísa Ducla Soares

POEMA 5

A bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.
Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
Mas inclina o corpo para cá e para lá

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.
Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.

Cecília Meireles

POEMA 6

Contas de somar

Um mais um são dois
ou um par de bois.

Um mais dois são três
ou a conta que Deus fez.

Um mais três são quatro
ou quantas as patas do gato.

Um mais quatro são cinco
ou os dedos com que brinco.

Um mais cinco são seis
ou meia dúzia de reis.

Um mais seis são sete
ou quatro com o valete.

Um mais sete são oito
ou o número do biscoito.

Um mais oito são nove
ou o pino do seis, se chove.

Um mais nove são dez
ou uma dezena de pés.

João Manuel Ribeiro

POEMA 7

A lua foi ao cinema

A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,
ninguém olhava para ela,
e toda a luz que ela tinha
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste
com aquela história de amor,
que até hoje a lua insiste:
– Amanheça, por favor!

Paulo Leminski

POEMA 8

A estrela e o papagaio de papel

Peguei num pincel
e desenhei uma estrela
num papagaio de papel
que voou até ao cimo
da Torre de Babel
preso no meu dedo
por uma ponta de cordel.
Gostei tanto da cena
que a pintei
numa tela a pastel.
Como gostei da rima,
fui mostrá-la
à minha prima
que andava num batel
rio abaixo, rio acima.

Luís Infante

POEMA 9

Pia, pia, pia

Pia, pia, pia
O mocho,
Que pertencia
A um coxo.

Zangou-se o coxo
Um dia,
E meteu o mocho
Na pia, pia, pia...

Fernando Pessoa

POEMA 10

Bichinho de conta

Bichinho de conta
conta...
E o bichinho de conta
contou
que um dia
se enrolou
e parecia
um berlinde pequenino
de tal maneira
que um menino
de brincadeira
com ele jogou...

Bichinho de conta
conta...
E o bichinho de conta
contou.

Sidónio Muralha

POEMA 11

A minha bicicleta

A minha bicicleta
só tem dois pedais
mas se monto nela
não tem dois, tem mais!

A minha bicicleta
tem um guiador
quando monto nela...
...sou aviador!

No jardim onde ando
não vejo um canteiro...
sou aviador,
vejo o mundo inteiro

Voo mesmo a sério!...

Por cima das árvores
(não toco no chão!)
voo mesmo a sério
vou de avião...

A minha bicicleta
também tem selim
mas eu nem me sento,
gosto mais assim:

Pedalo em pé
dá mais rapidez
a minha bicicleta
é o que tu vês:

É um avião,
pois eu não te digo?!

Da próxima vez...

Da próxima vez
levo-te comigo?

Fernando Miguel Bernardes

POEMA 12

Pessoas são diferentes

São duas crianças lindas
Mas são muito diferentes!

Uma é toda desdentada,
A outra é cheia de dentes...
Uma anda descabelada,
A outra é cheia de pentes!

Uma delas usa óculos,
E a outra só usa lentes.

Uma gosta de gelados,
A outra gosta de quentes

Uma tem cabelos longos,
A outra corta eles rentes.

Não queiras que sejam iguais,
Aliás, nem mesmo tentes!

São duas crianças lindas,
Mas são muito diferentes!

Ruth Rocha

POEMA 13

Pêssegos, peras, laranjas

Pêssegos, peras, laranjas,
morangos, cerejas, figos,
maçãs, melão, melancia,
ó música dos meus sentidos,
pura delícia da língua;
deixai-me agora falar
do fruto que me fascina,
pelo sabor, pela cor,
pelo aroma das sílabas:
tangerina, tangerina.

Eugénio de Andrade

POEMA 14

O Pinguim

Bom-dia, Pinguim
Onde vai assim
Com ar apressado?
Eu não sou malvado
Não fique assustado
Com medo de mim.
Eu só gostaria
De dar um tapinha
No seu chapéu-jaca
Ou bem de levinho
Puxar o rabinho
Da sua casaca.

Vinícius de Moraes

POEMA 15

As flores e a cabeça da dona Celestina

Uma flor que estava no jardim
foi colhida pela dona Celestina
que a deixou sozinha
numa jarra que na mesa
da sala de jantar tinha.

Na jarra água não havia
e a flor logo pensou:
Se não me derem aguinha
vou aqui murchar, murchar
até morrer sozinha.

Mas a dona Celestina
andando pelo jardim a passear
viu outra flor de que gostou
e apressou-se a colhê-la
para a pôr na jarrinha
onde já estava a flor
sozinha a murchar, a murchar.

Mas a dona Celestina
que tinha uma cabeça pequenina
voltou a esquecer-se
de pôr água na jarrinha
onde agora já havia
duas flores a murchar, a murchar.

Vamos aqui morrer nesta jarrinha
desta sala de jantar – Disse a primeira flor.
E continuou: Pois que a cabecinha
pequenina da dona Celestina
não se lembra que sem água
não vamos sobreviver:
vamos murchar, murchar.

Andando como sempre andava
pelo jardim a passear
viu a dona Celestina
uma outra flor que lhe agradou.
E sorte igual à duas flores
que estavam a murchar, a murchar
foi pô-la na jarrinha da sua sala de jantar.

Não há duas sem três – Disse a segunda flor
que à jarra sem água também foi parar.
E continuou: Vamos aqui morrer as três
a murchar, a murchar, as três
sequinhas
se a dona Celestina
com a sua cabeça pequenina
não se lembrar da água
que nos tem que dar.

Mas a sorte das flores
foi esta história se passar
no tempo em que os animais falavam
e as flores também.
E a murchar, a murchar, as três conseguiram
reunir forças e gritar à dona da cabeça pequenina:
Ó dona Celestina!
Se quiser ter a jarra da sua sala de jantar
com três flores vivinhas
tem que aguinha nos dar!

E não é que a dona Celestina
da cabeça pequenina
as ouviu!

E disse: Ai esta minha cabeça!
Vou-vos já dar aguinha
para que a vida da jarra
não padeça.
E vocês estão mesmo
a murchar, a murchar.
Ai que cabeça a minha!

E às flores tanta água a dona Celestina deu
tanta, tanta...
que as flores tiveram de lhe gritar:
Pare, dona Celestina! Olhe que ainda nos vai afogar!

João Paulo Mendes